

SILVA, Valney Veras da; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Referenciação nos Estudos Críticos do Discurso. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

REFERENCIAÇÃO NOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Valney Veras da Silva¹

Mônica Magalhães Cavalcante²

Mariza Angélica Paiva Brito³

prvalney@hotmail.com

monicamco2@gmail.com

marizabrito02@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é propor uma análise crítico-discursiva e textual, a partir das expressões referenciais e do processo de recategorização. Entendemos que a referenciação é um campo profícuo para um estreitamento teórico com a abordagem da sociocognição de van Dijk (2006), a partir da concepção dos referentes como representações mentais, influenciadas pelos modelos mentais de indivíduos e grupos sociais. Por compartilhar pressupostos semelhantes da sociocognição, uma análise textual, por meio da recategorização dos referentes, supre as categorias para uma análise crítico-discursiva, que contempla o estudo das ideologias de dominação dos grupos sociais.

Palavras-chave: Referenciação; Estudos Críticos do Discurso; Sociocognição.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é investigar a relevância dos processos de referenciação para a análise crítico-discursiva proposta por van Dijk (2006; 2008), em sua abordagem sociocognitiva, que considera a relação das dimensões social e discursiva a partir da cognição. Tomamos como base de entendimento dos processos de

¹ Pós-doutorando com bolsa PNPd/CAPES na Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do Protexto – Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC.

² Professora do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Protexto – Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC.

³ Professora do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Vice-líder do Protexto – Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC.

referenciação Cavalcante (2011), fundada nos pressupostos fundantes de Mondada e Dubois (2003).

Primeiramente, observar-se-á a referenciação em relação aos Estudos Críticos do Discurso (doravante ECD), segundo proposto por van Dijk (2006), para identificar e estabelecer estreitamentos que colaboram para uma posterior análise discursiva. Em um segundo momento, destacar-se-ão os elementos textuais do processo de referenciação, de modo a elucidar a função textual de cada um, a fim de relacioná-los a uma análise crítico-discursiva como categorias textuais.

A terceira etapa deste texto é a análise textual-discursiva propriamente dita, em que utilizaremos os processos referenciais, especificamente, de introdução referencial, de anáfora e de dêixis, como instrumentalizadores para o desvelar de um discurso orientado para a dominação de grupos sociais, viés característico dos ECD.

1. O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO E OS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

O fenômeno da referenciação, entendido como um processo que envolve o texto e a sua coerência, deve ser perscrutado quando do entendimento dos referentes, que são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto (CAVALCANTE, 2011).

Tal concepção de referenciação se embasa nos postulados de Mondada e Dubois (2003), que rompem com o entendimento de que o “real” se expressa diretamente no linguístico, de modo a reconhecer a dicotomia de elementos extralinguísticos e linguísticos. As autoras se contrapõem à “hipótese de um poder referencial da linguagem que é fundado ou legitimado por uma ligação direta (e verdadeira) entre as palavras e as coisas” (MONDADA; DUBOIS, 2003: 19). Com uma maior especialização das ciências cognitivas, percebeu-se que, entre as “palavras” e as “coisas”, há uma mediação que comporta o sentido, nomeada de “referente”, visto que a realidade como tal é intangível, de modo que a única realidade perceptível ao homem se dá pela língua natural, como bem coloca Lopes (1999: 20):

sendo as línguas naturais a única realidade cultural imediatamente dada ao homem e o primeiro sistema modelizante que o homem aprende a manejar, depois de nascer, o conteúdo das línguas naturais se torna a suprema instância de homologação das interpretações de todo e qualquer outro sistema semiótico.

Por isso, segundo Mondada e Dubois (2003), o entendimento de referência é tido como *relativista* e não como *essencialista* da linguagem e da verdade. Os referentes são construtos sociais que representam os segmentos da realidade, mas não são a própria realidade, visto ser esta intangível ao ser humano, senão quando mediada pela linguagem.

Os referentes também são entendidos como *objetos de discurso* (MONDADA; DUBOIS, 2003), isto é, *entidades do discurso, representações alimentadas pela atividade linguística* (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995: 239). Desse modo, os referentes não são formas fixas e universais da linguagem, mas, ao contrário, são flexíveis e socialmente construídas segundo as crenças de dado grupo social, podendo variar em seu significado.

Os referentes são entendidos como realidades abstratas, imateriais, que não se confundem com os significados, e que estão materializados, inúmeras vezes, nas *expressões referenciais*, ajudando a compor os processos referenciais (CAVALCANTE, 2011). Desse modo, os referentes estão na dimensão cognitiva, devido a sua imaterialidade, mas também na dimensão social visto que são socialmente construídos, como bem coloca Cavalcante (2011: 47): “Em consonância com Apothéloz (2001), diremos que construir um referente envolve um processo cognitivo e social de interação e de atenção”.

Cavalcante (2011: 26), retomando Mondada e Dubois (2003), define os referentes como “categorias cognitivo-discursivas” que “apresentam uma instabilidade inerente a elas”. Tal instabilidade aponta para o aspecto de contínua construção dos referentes, que envolve a ação de categorizar dado elemento linguístico em um dado momento, e/ou recategorizá-lo em outro momento, quando necessário. É nesse sentido que se entende a referenciação como um processo em que o referente é construído, categorizado e recategorizado, em uma dada situação social.

A Linguística Textual não tem como finalidade maior chegar às explicações ideológicas das recategorizações dos referentes de um texto, nem descrever as crenças sociais, ou os modelos mentais que embasam tais crenças, embora considere tudo isso como aspectos integrados aos sentidos que condicionam a organização textual – seu campo de investigação.

Embora o estudo dos referentes em um texto não se ocupe de análises estritamente cognitivas nem discursivas, esses dois aspectos estão sempre pressupostos na investigação da Linguística Textual, e mais particularmente ainda

radicam na própria definição de referenciação que vem sendo desenvolvida desde Mondada, Apothéloz e seguidores. Esta é a razão pela qual estamos pleiteando, neste artigo, uma aproximação, que nos parece salutar, entre os ECD e o estudo da referenciação.

Até aqui neste texto, podemos sintetizar alguns elementos relevantes para a compreensão dos referentes e do processo de referenciação que apontam para uma relação com a sociocognição discursiva proposta por van Dijk (2006):

- a) Os referentes são categorias cognitivo-discursivas.
- b) Os referentes gozam de instabilidade.
- c) Os referentes não são significações, mas comportam significados.
- d) Os referentes são construtos sociais que podem ser recategorizados.
- e) “a referência é um processo em que não se pode separar completamente o que é linguístico do que não é” (CIULLA E SILVA, 2008: 17).

Vejamos, então, como o cerne da abordagem sociocognitiva dos ECD pode dialogar com esses pressupostos. Van Dijk (2006; 2008), que deriva sua abordagem discursiva da tradição dos estudos do texto, estuda o discurso a partir de uma vertente sociocognitiva. Entendendo o discurso como uma prática social, pensamento comum a vários analistas do discurso, o teórico não concebe a perspectiva da investigação discursiva sem uma interface cognitiva.

Nos seus primeiros escritos, van Dijk ([1980]2010; 1983) se propõe a estabelecer uma relação entre texto e discurso tomando como base os estudos das ciências cognitivas. Por isso, estabeleceu, logo no início de suas pesquisas, a relação entre texto, psicologia social e sociologia:

Entretanto temos chegado a um campo de atividade central da ciência de texto, a saber: a *psicologia social*. Os homens são indivíduos sociais: não somente falam para expressar seus conhecimentos, desejos e sentimentos, nem somente registram passivamente o que os outros dizem, mas que, sobretudo, fazem com que a comunicação tenha lugar em uma interação social de onde o ouvinte, mediante a enunciação, o texto, pretende ser influenciado de alguma maneira pelo falante. Queremos que ele (o ouvinte) saiba o que nós sabemos (nós providenciamos informação), pois queremos que haja o que dizemos. Pedimos, ordenamos e recomendamos. Ao emitir um texto realizamos um ato social (VAN DIJK, 1983: 21).

A partir de uma abordagem pragmática orientada pela teoria dos atos de fala, e do entendimento de texto (oral ou escrito) como uma interação sociocognitiva, em meio a um processo comunicativo, van Dijk (2006) desenvolve a relação entre texto e discurso, em que o discurso é uma prática social cujas crenças são produzidas,

reproduzidas e compartilhadas em uma sociedade e nos seus respectivos grupos sociais.

Apoiando-se em pressupostos da psicologia social, e negando-se a somente replicá-la, van Dijk (1983) se propõe a estudar o texto em relação à dimensão discursiva, tendo como elemento comum, dentre outros, o aspecto da representação. Van Dijk (2006) tem como fundamento de sua teoria sociocognitiva do discurso pressupostos da Teoria das Representações Sociais, tomando como base Moscovici (2009) com a representação de grupos sociais de dados objetos que são socialmente construídos. Nota-se, assim, a possível convergência para a noção de referente como um tipo de representação mental, no contexto de interação social.

A sociocognição discursiva, segundo van Dijk (2006), é uma proposta multidisciplinar dos Estudos Críticos do Discurso, que tem como fundamento três eixos sustentadores: o social, o cognitivo e o discursivo. Como dito anteriormente, a investigação discursiva, e conseqüentemente suas representações, está orientada para o estudo dos grupos sociais, no que se refere às questões de abuso de poder e dominação.

A dimensão cognitiva da tríade teórica de van Dijk (2006) está em sua abordagem da teoria dos modelos mentais, que são *representações de sentido de um texto*, e do contexto, como o analista bem define: “A tese crucial de um modelo mental é que, além da representação do sentido de um texto, os usuários da língua *também* constroem modelos mentais dos eventos que são *assunto* desses textos” (VAN DIJK, 2012: 90).

Ainda explanando sobre os modelos mentais, Silva e Baptista (2011: 731) sintetizam a função dos modelos mentais na produção do discurso, bem como sua atuação na dimensão social em que tal discurso é produzido:

Os modelos mentais formam a base cognitiva de toda interação e discurso individual. Os sujeitos constroem um modelo de um evento ou ação, que serve como base referencial do discurso, ajudando a definir a coerência local e global. Os modelos mentais integram novas informações, incorporando pessoas e informações sociais, servindo como o núcleo da interface entre o social e o individual. Desta forma, podem constituir a base da experiência social e do conhecimento político. Sendo assim, significa que as representações gerais e abstratas das representações sociais da memória social são, em primeiro lugar, derivadas da experiência pessoal como representadas na memória episódica de cada indivíduo. O conhecimento social e político pode ser mais bem adquirido pelo geral, o discurso abstrato, do que por tratados e propagandas políticas.

A partir da observação das bases teóricas da abordagem sociocognitiva do discurso de van Dijk (2006), especificamente a dimensão cognitiva com a teoria dos modelos mentais, estamos propondo cinco pontos de convergência entre os ECD e a conceituação de referentes e de referenciação.

O primeiro ponto de contato para estabelecer tais relações coloca os referentes no âmbito do estudo da sociocognição discursiva, pois, como uma *categoria cognitivo-discursiva*, os referentes são definidos pelas mesmas bases teóricas. O segundo ponto destaca a *instabilidade* dos referentes que confere a constante possibilidade de atualização dos significados. O terceiro ponto de contato diz respeito ainda à instabilidade, mas de significados: os referentes não são significações em si, mas *comportam os significados*. Dessa forma, são *construtos sociais* que podem ser recategorizados. O quarto ponto de contato apresenta o aspecto social inerente aos referentes, que são *construídos* a partir de *modelos mentais* propostos por indivíduos e grupos sociais.

Os modelos mentais, como base cognitiva de toda interação e discurso individual, são responsáveis por produzir os sentidos presentes nos referentes, durante a interação no processo de comunicação entre locutor e interlocutor. Seguindo essa orientação, pode-se conceber os referentes como representações mentais que estão materializadas no texto como *expressões referenciais*, assim como definem Cavalcante *et al.* (2014: 27): “O referente (ou objeto do discurso) é a representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto”.

O quinto ponto de contato entre a referenciação e a sociocognição discursiva, a partir da conceituação dos referentes, repousa sobre o aspecto *processual*. A referência como um processo linguístico e sociocognitivo, não somente aponta para o caráter dinâmico da construção dos sentidos nos referentes, a partir dos modelos mentais, como também para as categorias subjacentes a esse processo. Como observado anteriormente, os referentes como estruturas cognitivo-discursivas estão no texto e são indicados por marcas textuais, dentre elas as expressões referenciais, que, por sua vez, são as categorias deste processo.

No tópico a seguir, observaremos mais detidamente o processo de referenciação a partir de suas categorias mais gerais: introdução referencial, anáfora e dêixis, com o propósito de, em outro momento deste texto, aplicá-las à análise crítico-discursiva.

2. CATEGORIAS DE ANÁLISE A PARTIR DO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Os referentes, como representações mentais, podem, ou não, realizar-se no enunciado a partir das expressões referenciais. Cavalcante (2011: 53), retomando Lyons (1977), sobre os processos referenciais afirma:

todo processo referencial envolve um componente “dêítico”, já que aponta para pistas vindas do espaço e do tempo real em que se situam os enunciadores, do contexto, da memória compartilhada, das supostas intenções enunciativas de cada um e do contexto sócio-histórico do momento, todas colaborando, ao mesmo tempo, para que os referentes se configurem na mente dos participantes da enunciação.

As expressões referenciais, quando presentes no texto, desempenham uma espécie de função “dêítica”, ou mostrativa dentro do contexto, ou fórica. Com essa função indicial, marcam as pistas necessárias à interpretação, convocando do próprio texto os elementos contextuais relevantes para a categorização e a recategorização dos referentes, em uma dada enunciação.

O processo de referenciação apresenta três categorias gerais: introdução referencial, anáfora e dêixis, que nos apoiarão na análise discursiva a partir das expressões referenciais, tendo em conta a abordagem sociocognitiva do discurso.

A introdução referencial, como a designação já diz, introduz o referente pela primeira vez no texto. Segundo Cavalcante *et al.* (2014: 54), a “introdução referencial ocorre quando um referente, ou objeto de discurso, ‘estreia’ no texto de alguma maneira. Isso pode se dar pelo modo mais evidente: por meio do emprego de uma expressão referencial ainda não mencionada anteriormente”.

Segundo Silva (2014), a introdução referencial serve mais do que apenas para marcar o surgimento de um novo referente no texto, de modo a funcionar para reforçar dado posicionamento discursivo recorrente durante o texto. Tal observação é relevante para a posterior análise textual e discursiva deste artigo.

Ainda sobre a introdução referencial, Cavalcante *et al.* (2014: 58) destacam o processo de introdução de um referente no texto numa dimensão cognitiva: “Ao introduzirmos um referente no texto, devemos contar com o fato de o coenunciador se valer simultaneamente de muitos indícios (mesmo aqueles nem cogitados pelo enunciador) para representar essa entidade em sua mente”. O enunciador (locutor) somente introduzirá um referente no texto para que seja recuperado pelo

coenunciador (interlocutor), e, desta forma, recorrerá a modelos mentais recuperáveis no processo de interpretação textual e discursiva.

A anáfora é uma expressão referencial que tem a função de continuar uma referência ao longo do texto, de modo a ser fundamentalmente responsável pela coesão textual. A anáfora pode ser direta ou indireta. Segundo Cavalcante *et al.* (2014: 62), “As expressões que retomam o mesmo referente que já tiver sido introduzido no texto são chamadas de *anafóricas diretas* ou *correferenciais*”. As anáforas indiretas, por sua vez, são diferentes das diretas por se referirem a outro referente já introduzido no texto e por se associarem indiretamente a ele. Nas palavras de Cavalcante *et al.* (2014: 76): “É precisamente isto que identifica as anáforas indiretas: um referente explicitado pela primeira vez no contexto, mas apresentado ao coenunciador como se lhe fosse conhecido, porque outros elementos do contexto [pistas] favorecem essa identificação”. Vale ressaltar que, se o contexto for compreendido como um modelo mental, segundo Van Dijk (2012), a anáfora indireta somente será recuperada pela memória do coenunciador (interlocutor) se este tiver familiaridade com o referente em questão, bem como com os modelos mentais que constituíram seu sentido. Este é um modo de caracterizar a negociação, que inclui aspectos sócio-históricos constitutivos dos modelos mentais.

Acerca da diferença entre a anáfora direta e indireta, Cavalcante *et al.* (2014: 74) afirmam que a “fronteira que delimita a separação entre uma anáfora correferencial e uma anáfora indireta é simplesmente o fato de esta última não retomar o mesmo referente, recategorizando-o ou não”. Entende-se, porém, que, contrariando o texto anteriormente citado, sempre há a recategorização uma vez que um dado referente é introduzido.

Cavalcante (2011: 59) destaca a relevância das cadeias anafóricas na recuperação das representações mentais na memória, ao tratar da coesão textual:

Os elos referenciais vão entrelaçando-se nas representações mentais que os falantes vão elaborando no universo do discurso, compondo verdadeiras cadeias anafóricas. Essa tessitura de elos interligados, coesos, que não se costuram exclusivamente pelo que está implícito no contexto, senão também pelo que se encontra implícito na memória discursiva e que se descobre por inferências, é a condição básica para que uma unidade de coerência se forme na mente de enunciadores e coenunciadores.

As cadeias anafóricas não somente revelam a coesão e a coerência do texto, como também desvelam as representações mentais dadas, ou as implícitas que

podem ser recuperadas pela memória discursiva. Essas condições nos levam a ver os modelos mentais, também presentes na memória discursiva, como estruturas que ajudam a modelar o sentido em tais representações mentais. Estamos propondo que os discursos orientados para a dominação, e baseados nas crenças sociais (que também são modelos mentais), possam ser analisados por meio de cadeias anafóricas, porque elas revelam as representações mentais de indivíduos e grupos.

Essas cadeias são constituídas pelas anáforas diretas, pelas indiretas já mencionadas, mas também por outro tipo de anáfora, que pode ser tida como direta: as encapsuladoras, que têm como função remeter a uma porção textual, de modo sintético. Segundo Cavalcante *et al.* (2014: 78): “Sua característica primordial é resumir porções contextuais, isto é, o conteúdo de parte do cotexto somado a outros de conhecimentos compartilhados”. Segundo Conte (2003: 177), as anáforas encapsuladoras são expressões nodais do texto que, quando têm um valor axiológico, podem ser “um poderoso meio de manipulação do leitor”. Além de estabelecer a coerência textual, esta é a relevância dos encapsulamentos anafóricos para uma análise crítico-discursiva.

Além das introduções referenciais e dos tipos de anáfora, um terceiro processo referencial é o da dêixis. “Diferentemente dos anafóricos, os dêiticos se definem por sua capacidade de criar um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação” (CAVALCANTE *et al.*, 2014: 85). Há seis tipos de dêixis: pessoal, social, espacial, temporal, textual, memorial. A dêixis pessoal é prototipicamente representada pelos pronomes pessoais. A dêixis social é uma especificação da pessoal, cuja diferença é a posição social em que os participantes do discurso são colocados. Os pronomes de tratamento exemplificam esta modalidade de dêixis. Os dêiticos espaciais apresentam as relações de distância entre o locutor e um dado objeto do discurso. Os dêiticos temporais situam os acontecimentos e o locutor num “lugar” temporal.

A dêixis textual se refere à localização do texto em seu cotexto. “O começo, o meio e o fim, o antes e o depois, o acima e o abaixo são tomados linearmente, à medida que o locutor vai fazendo uso de enunciados no espaço/tempo do cotexto” (CAVALCANTE *et al.*, 2014: 85). Pode haver uma pequena confusão entre a anáfora encapsuladora e a dêixis textual. Cavalcante (2011: 81) elucida a diferença entre ambas:

enquanto as anáforas encapsuladoras são descritas apenas em função da recuperação difusa de porções textuais, os dêiticos textuais têm em conta não simplesmente o caráter resumitivo, como também a presença de um elemento dêitico nas expressões, que assinala o ponto de origem do enunciador, indicando onde terminou sua última fala dentro do cotexto.

A dêixis de memória, a última forma de dêixis, tem a função de fazer o coenunciador buscar na memória, por meio da indicação de formas dêiticas, objetos referidos pelo enunciador como se fossem conhecidos pelo coenunciador. As expressões dêiticas de memória como que instigam o coenunciador a procurar na memória o referente que o enunciador (locutor) está pressupondo que ele conheça.

Após a síntese da conceituação dessas categorias dos processos referenciais, observaremos seu uso na análise sociocognitivo-discursiva, de modo que os referentes e suas recategorizações desvelem o discurso de dominação e abuso de poder. Para os ECD, essas relações ideológicas constituem seu próprio objeto de análise. Neste artigo, que se enquadra no âmbito na Linguística Textual, nosso objetivo é mostrar como a investigação dos processos referenciais pode elucidar, pela análise das recategorizações, aspectos discursivos de textos que mitigam os efeitos do abuso de poder sobre grupos sociais.

3. ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DOS REFERENTES DE TEXTOS POLÍTICOS

Examinaremos os referentes de dois textos relacionados a crimes: um deles trata de crimes ligados a corrupção política, e o outro a crimes relacionados a roubos e furtos. A partir das categorias introdução referencial e anáfora, intentamos analisar as recategorizações acerca dos referentes *criminoso rico* e *criminosa pobre*, veiculados por dois artigos, um da Revista *Veja* (2015, n. 2411) e o outro da revista eletrônica *Veja.com*, de 07 de abril de 2012, a fim de refletir sobre a orientação ideológica do discurso.

O texto I, um artigo sobre a operação Lava Jato, da Polícia Federal, aborda a situação em que *criminosos ricos* foram condenados por participar do esquema chamado *Petrolão*, em que grandes empreiteiras do país desviavam dinheiro da Petrobrás para financiar campanhas políticas de certos partidos, bem como a compra de favores políticos. Vejamos o trecho (1) deste primeiro texto.

Texto I

- (1) Empreiteiras querem levar Lula e Dilma à roda da Justiça
Com os processos da Operação Lava-Jato a caminho das sentenças, as empreiteiras querem Lula e Dilma junto com elas na roda da Justiça
Há quinze dias, os quatro executivos da construtora OAS, presos durante a Operação Lava-Jato, tiveram uma conversa capital na carceragem da polícia em Curitiba. Sentados frente a frente, numa sala destinada a reuniões reservadas com advogados, o presidente da OAS, Léo Pinheiro, e os executivos Mateus Coutinho, Agenor Medeiros e José Ricardo Breghirolli discutiam o futuro com raro desapego (Revista *Veja*, 2015, n. 2411: 41).

A introdução referencial, no início do texto I, é a expressão *empreiteiras* no título do artigo: “Empreiteiras querem levar Lula e Dilma à roda da Justiça”, que tem como primeira anáfora correferencial “os quatro executivos da construtora OAS”, que, no desenrolar do texto, aponta para o referente *criminosos ricos*, através da cadeia anafórica. Nesse caso, observa-se uma tentativa de apagamento do referente do texto I ao considerar na manchete do artigo a introdução referencial *empreiteiras*, ao invés dos *executivos da construtora OAS* que foram presos.

Em seguida, os quatro executivos da construtora que foram presos são nomeados e categorizados por seus cargos: “o presidente da OAS, Léo Pinheiro” e “os executivos Mateus Coutinho, Agenor Medeiros e José Ricardo Breghirolli”. As expressões referenciais *presidente* e *executivos*, assim como o nome próprio deles, dão certa deferência aos referentes.

No parágrafo seguinte, o trecho (2), as anáforas correferenciais desse mesmo referente são: o pronome oblíquo “nos”, o pronome reto na expressão “segundo eles” e a expressão “Réus por corrupção”.

- (2) Os pedidos de liberdade rejeitados pela Justiça, as fracassadas tentativas de desqualificar as investigações, o Natal, o réveillon e a perspectiva real de passar o resto da vida no cárcere levaram-nos a um diagnóstico fatalista. *Réus por corrupção, lavagem de dinheiro e formação de organização criminosa*, era chegada a hora de jogar a última cartada, e, *segundo eles*, isso significa trazer para a cena do crime, com nomes e sobrenomes, o topo da cadeia de comando do petrolão (Revista *Veja*, 2015, n. 2411: 41).

A anáfora correferencial “Réus por corrupção” recategoriza o referente introduzido como “os quatro executivos da construtora OAS”, dando o caráter de criminosos que certas pistas textuais já apontavam, tais como: “presos durante a Operação Lava-Jato” e “uma conversa capital na carceragem da polícia em Curitiba”.

Em alguns excertos, o referente deixa de ser grupal para dar espaço a um dos quatro indivíduos. Esse referente individualizado recebe também uma anáfora

correferencial que o recategoriza não como criminoso, mas como empresário, apesar de estar preso por um crime, como se observa no trecho (3):

- (3) Com 66 anos de idade, *Agenor Medeiros, diretor internacional da empresa, era o mais exaltado*: "Se tiver de morrer aqui dentro, não morro sozinho" (Revista *Veja*, 2015, n. 2411: 41).

Novamente, na tessitura do texto, o referente grupal é novamente retomado a partir das anáforas “os executivos da OAS”, no trecho (4); “grupo”, no (6); e volta para a referência introduzida no título “empreiteiras”, no trecho (7). Sobre o referente que nomeamos como *criminosos ricos*, entendemos que estas anáforas correferenciais os recategorizam de modo a mitigar sua real condição de criminosos condenados, e – por que não dizer? – bandidos.

Outra forma de mitigação do crime de corrupção por parte dos *criminosos ricos* é transferir a responsabilidade do crime para outro referente, que são os *políticos corruptos*. No trecho (2), observa-se a introdução referencial “o topo da cadeia de comando do petróleo” que representa o referente *políticos corruptos*, e que se liga pela primeira vez no artigo político ao vocábulo “crime”, o léxico mais descritivo das ações de corrupção que envolvem o escândalo do petróleo.

Nos outros trechos do artigo, o referente “políticos corruptos” assume o destaque no texto I, configurando a estratégia discursivo-ideológica do afastamento da responsabilidade pelas ações de corrupção política. O trecho (4) apresenta as seguintes anáforas correferenciais: “os verdadeiros comandantes do esquema”, “os grandes beneficiados”, “os mentores da engrenagem”, que recategorizam os “políticos corruptos” como os responsáveis pela corrupção com o dinheiro da Petrobrás.

- (4) A estratégia *dos executivos da OAS*, discutida também pelas demais empresas envolvidas no escândalo da Petrobrás, é considerada a última tentativa de salvação. E por uma razão elementar: as empreiteiras podem identificar e apresentar provas contra *os verdadeiros comandantes do esquema, os grandes beneficiados, os mentores da engrenagem* que funcionava com o objetivo de desviar dinheiro da Petrobrás para os bolsos de políticos aliados do governo e campanhas eleitorais dos candidatos ligados ao governo. É um poderoso trunfo que, em um eventual acordo de delação com a Justiça, pode poupar muitos anos de cadeia aos envolvidos (Revista *Veja*, 2015, n. 2411: 41).

Ainda no trecho (4), não podemos deixar de notar os qualificadores dessas anáforas relacionadas ao referente “políticos corruptos”. O primeiro qualificador é “verdadeiros”, que tem a função de indicar que o referente *criminosos ricos* não são

os “falsos” comandantes do esquema. Da mesma forma, em os “grandes beneficiados”, demonstra que os executivos da OAS são os “pequenos beneficiados”, porque não são os “mentores” da engrenagem corrupta. Através dessa argumentação discursiva na escolha do léxico, nas anáforas correferenciais, o grupo de executivos presos procura minimizar sua responsabilidade nos crimes de corrupção.

As outras anáforas correferenciais ligadas ao referente “políticos corruptos” são: “desses caras”, no trecho (5), que dá um tom pejorativo diante de uma autoridade política; “partidos e políticos corruptos”, no trecho (6), além das referências constantes ao ex-presidente Lula como parte desse grupo; e, no trecho (7), anáforas outrora mencionadas: “o topo da cadeia de comando” e “o ex-presidente Lula e Dilma Rousseff”.

(5) "Vocês acham que eu ia atrás *desses caras (os políticos)* para oferecer grana a eles?", disparou, ressentido, o presidente da OAS, Léo Pinheiro. Amigo pessoal do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos tempos de bonança, ele descobriu na cadeia que as amizades nascidas do poder valem pouco atrás das grades (Revista Veja, 2015, n. 2411: 42).

(6) Na conversa com *os colegas presos* e os advogados da empreiteira, *ele* reclamou, em particular, *da indiferença de Lula*, de quem esperava um esforço maior para neutralizar os riscos da condenação e salvar os contratos de sua empresa. Léo Pinheiro reclama que *Lula lhe virou as costas*. E foi dessa mágoa que surgiu a primeira decisão concreta *do grupo*: se houver acordo com a Justiça, o delator será Ricardo Breghirolli, encarregado de fazer os pagamentos de propina a *partidos e políticos corruptos* (Revista Veja, 2015, n. 2411: 42).

(7) *As empreiteiras* sabem que novas delações só serão admitidas se revelarem fatos novos ou o envolvimento de personagens importantes que ainda se mantêm longe das investigações. Por isso, o alvo é *o topo da cadeia de comando*, em que, segundo afirmam reservadamente e insinuam abertamente, se encontram *o ex-presidente Lula e Dilma Rousseff* (Revista Veja, 2015, n. 2411: 42).

Apesar de termos investido na relação entre os referentes *criminosos ricos* e *políticos corruptos*, devido à tentativa de mitigação de responsabilidades de um em detrimento do outro, retomaremos o foco da análise discursivo ideológica no texto II, através do referente *criminosas pobres*, que será comparado com o referente principal do texto I.

Texto II

- (1) Roubos e furtos praticados por *mulheres* crescem 400%
Casos como o da '*Gangues das Loiras*' ainda chamam atenção. Mas não são fenômenos isolados. O total de mulheres condenadas pelos chamados 'crimes contra o patrimônio' aumentou 402% entre 2005 e 2011 (*Veja.com*, 2012).

A introdução referencial está no léxico “mulheres”, no trecho (1), no título. Em seguida, a anáfora correferencial “Gangues das Loiras” categoriza o referente de modo explícito como criminosas de baixo nível. Nos trechos de (2) a (5), o referente introduzido é retomado nas anáforas diretas “mulheres”, que, como um termo genérico, esvazia qualquer possibilidade de mitigar o crime praticado por elas. No texto I, o referente *criminosos ricos* não foi representado como “homens” que cometeram crimes, mas recategorizado como “executivos”.

- (2) Nas últimas semanas, o noticiário foi pródigo em histórias de mulheres criminosas. Da "gangue das loiras" à "gangue das vovós", foram casos de roubo, furto, extorsão e estelionato. Dados do Ministério da Justiça mostram que o fenômeno não é pontual. Esses crimes refletem uma tendência. Entre 2005 e 2011, o total de mulheres condenadas por envolvimento com os chamados "crimes contra o patrimônio" registrou um salto de 402% (*Veja.com*, 2012).

No trecho (2), o referente “mulheres” está recategorizado nas anáforas “gangue das loiras” e “gangue das vovós”. O léxico “gangue” amplia o sentido negativo do crime cometido, conferindo maior expressividade ao delito. No texto I, as expressões usadas para qualificar os crimes do referente *criminosos ricos* foram: “executivos presos”, “empreiteiras” “Réus da corrupção”, “formação de organização criminosa”, expressões estas que estão longe de ter o sentido de “gangue”.

- (3) Os números mostram dois momentos distintos do sistema penitenciário nacional: dezembro de 2005 e junho de 2011. Enquanto há sete anos existiam 2.006 mulheres encarceradas por infrações que vão de furto e roubo simples até extorsão mediante sequestro, no ano passado 6.072 mulheres foram condenadas pelos mesmos motivos. No mesmo período, houve aumento de 97% nas condenações de homens em casos similares (*Veja.com*, 2012).

No trecho (4), a voz dos especialistas é evocada para recategorizar o referente *criminosas pobres*. As mulheres são recategorizadas na anáfora como “Sempre [...] fazendo a coisa errada”, de modo a generalizar mais uma vez os atributos negativos das criminosas. No trecho (5), repete-se a generalização a partir da voz da autoridade, no caso, um policial, na anáfora direta “mulheres”.

- (4) Para especialistas, isso não surpreende. "Sempre teve mulher fazendo coisa errada", afirma o delegado Paul Henry Bozon Verduraz, titular de uma delegacia no bairro do Itaim Bibi, região nobre de São Paulo. "O que muda é que, antes, elas ingressavam no crime porque eram namoradas ou casadas com bandidos. Agora, não. São chefes de quadrilha e agem por conta própria" (*Veja.com*, 2012).
- (5) Verduraz, que antes de ser policial foi diretor de uma cadeia feminina, entre 2000 e 2001, afirma: "Nós temos nesta região cem bancos e é grande o número de mulheres envolvidas com golpes e casos de estelionato" (*Veja.com*, 2012).

O texto II explora o referente *criminosas pobres*, porque as expressões referenciais apontam para mulheres que cometem crimes, recategorizadas por expressões como "ganguês", que conferem a qualidade de pobreza ao agente do delito. Diferentemente do texto I, cujo referente *criminosos ricos* são recategorizados com expressões que discretizam o status elevado, apesar de terem cometido crimes contra a nação.

Os textos I e II são artigos de reportagens da revista *Veja* que apresentam um tópico comum: crimes. Procuramos, nesses textos, observar como as expressões referenciais e o processo de recategorização podem elucidar a mitigação do discurso de abuso de poder entre grupos sociais. Apesar de os dois textos tratarem de crimes, o primeiro trabalhou o referente, através de algumas anáforas correferenciais, de modo a suavizar o crime cometido pelo referente *criminosos ricos* por meio das recategorizações; enquanto, o segundo texto, a partir da mesma estratégia das recategorizações, dimensionou a ação do referente *criminosas pobres*.

Optamos por essas designações dos referentes, baseadas em pistas textuais, para reforçar o contraste ideológico. Entendemos que, devido a um conjunto de crenças orientadas por modelos mentais, embasados em ideologias relacionadas a machismo e riqueza, a partir das expressões referenciais escolhidas para o texto, os homens ricos foram representados de forma a ressaltar menos, ou de forma mais branda, seus crimes, enquanto os crimes das mulheres pobres foram bem destacados. Vemos, então, que uma ideologia social (de poder aquisitivo) e de gênero feminino, orientada para o grupo dos ricos e dos homens, exerce domínio sobre o grupo pobre e feminino, a partir do acesso discursivo conferido pelo veículo de reprodução desses textos.

CONCLUSÃO

Percebemos que as expressões referenciais e o processo de recategorização colaboram para uma análise textual-discursiva e crítica, que considera perscrutar a dimensão ideológica à luz dos pressupostos da sociocognição. Devido à aproximação teórica da sociocognição discursiva fundada em van Dijk (2006) com a referenciação baseada em Cavalcante (2011), tal análise se mostrou bastante viável e interessante para o desvelar dos discursos de abuso de poder em textos da revista *Veja*, em nossa análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
2. CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
3. CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
4. CIULLA E SILVA, Alena. *Processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
5. CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003: 177-190.
6. JAKITAS, Renato. Roubos e furtos praticados por mulheres crescem 400%. In: *Revista Veja*. Acesso em: 15 de março de 2015 <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/roubos-e-furtos-praticados-por-mulheres-crescem-400/>>.
7. LYONS, John. *Semantics*. London: Cambridge University Press, 1977. 2v.
8. LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1999.

9. MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos do discurso: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003: 17-52.
10. MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
11. RANGEL, Rodrigo; BONIN, Robson; MEGAELE, Bela. Empreiteiras querem levar Lula e Dilma à roda da Justiça. In: *Revista Veja*. Acesso em: 15 de março de 2015. <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/empreiteiras-querem-levar-lula-e-dilma-a-roda-da-justica?utm=>>.
12. SILVA, V. V.; BAPTISTA, L. M. T. R. Discurso político: legitimação, naturalização ou banalização? *Discurso & Sociedad*, v. 5, n.4, 2011.
13. SILVA, V. V. *DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO PARLAMENTAR DE LEGITIMAÇÃO DA CORRUPÇÃO POLÍTICA*. 218f. Tese. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
14. VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.
15. _____. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.
16. _____. *Ideología: una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona, España: Gedisa, 2006.
17. _____. *Estructuras y funciones del discurso*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2010[1980].
18. _____. *La ciencia del texto*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1983.

ABSTRACT: The purpose of this article is to propose a critical-discursive and textual analysis, as of referential expressions and re-categorization process. We understand that the referencing is a fruitful field for a theoretical narrowing with the approach of sociocognition van Dijk (2006), from the conception of related as mental representations, influenced by mental models of individuals and social groups. To share similar assumptions of sociocognition, textual analysis through the re-categorization of related, supplies the categories for a critical-discursive analysis, which includes the study of domination of social groups ideologies.

Keywords: Referencing; Critical Studies of Discourse; Sociocognition.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 02 de agosto de 2015.